

CYBERBULLYING: UM RELATO SOBRE VIOLÊNCIA ESCOLAR

César Augusto do Prado Moraes¹

Este artigo tem como base apresentar um fato real de violência escolar acontecido em uma escola pública da rede de ensino paulista que abordou os termos bullying e cyberbullying envolvendo duas garotas na disputa por um namorado, suas famílias e toda a comunidade escolar. Para apresentar este relato utilizamos a metodologia de coleta de dados no âmbito da pesquisa (auto) biográfica norteada por Marie-Christine Josso (2010, p. 74) mostrando “[...] a narrativa é trabalhada com a preocupação da explicitação dos fios condutores que permitem compreender [...]” os fatos ocorridos.

Guareschi (2011, p. 12) apresenta o cyberbullying como sendo o bullying eletrônico e nos mostra suas causas e efeitos entre os adolescentes ao dizer:

Hoje, todos nós temos mais de um endereço: o endereço geográfico e o eletrônico. As pessoas, ao invés de irem para a casa uns dos outros, se comunicam por e-mail. O maior índice de suicídio entre jovens é devido ao bullying eletrônico. Um grupo começa a seguir determinada pessoa, a mandar mensagens agressivas – que têm um impacto grande, como se fosse uma violência física -, inclusive sugerindo que ela se mate. Infelizmente, essa violência se reproduz de forma muito rápida.

Muita gente não faz ideia de quão séria é essa questão. Meninos e meninas têm a preocupação de se resguardar para não serem filmados, porque o vídeo se espalha rápido e todo mundo fica sabendo. E, ao mesmo tempo, as empresas de internet, como a Google, simplesmente dizem que não são responsáveis pelo conteúdo.

O cyberbullying chama a atenção pelo fato de ser constituído por três personagens fundamentais: o primeiro, o agressor (líder de um grupo), o segundo, a vítima (inferior e discriminada por um grupo) e o terceiro, a plateia (liderada pelo agressor e parte de um grupo determinado com características próprias e pré-estabelecidas).

Metodologia de análise

Para a análise das narrativas criamos seis categorias denominadas: Motivo; Agressão; Solução; Família; Limites e Reações, com o intuito de traduzir o discurso descrito pelos professores e a interpretação do material qualitativo coletado com uma melhor compreensão e classificação dos depoimentos, apontando aspectos importantes para a tradução dos relatos.

Na identificação dos sujeitos que constituem o texto das narrativas e também do relato sobre o fato ocorrido, denominaremos do seguinte modo: Aluna Agressora; Aluna Vítima; Adolescente Namorado; Família Agressora; Família Vítima; Professor 1 e Professor 2.

Assim Marie-Christine Josso (2010, p. 78) menciona que às “[...] interpretações às quais cada um chega por meio desse trabalho são, por seu lado, postas em questão, não na sua legitimidade, mas na sua gênese e consequências sobre a trajetória do sujeito”. Deste modo a análise destas narrativas dos docentes sobre a violência escolar causada pelo conflito entre adolescentes e famílias por meio das tecnologias digitais de informação e comunicação pelo cyberbullying, pode ser compreendida de diversas maneiras diferentes, estabelecendo um espaço de reflexão e formação sobre o tema abordado.

¹ Doutorando em Educação na Universidade Metodista de São Paulo. *E-mail:*

O relato que será descrito ocorreu em uma escola pública da rede de ensino paulista entre duas alunas do 9º ano do ensino fundamental, pelo motivo da disputa de um garoto (namorado). A partir desta amizade, entre as duas meninas, o adolescente namorado adicionou a aluna vítima no facebook, quando a aluna agressora visualizou que a amiga tinha aceitado o pedido de amizade virtual do namorado, tudo mudou. Neste momento, a aluna agressora criou uma conta “fake” (mentir, mascarar) no facebook e começou a ameaçar a aluna vítima e a determinar que os outros alunos também curtissem e comentassem as suas publicações de ameaças. Junto com a mãe, também ameaçou a aluna vítima por mensagens de texto e áudio pelo WhatsApp.

Até este momento, a aluna vítima não tinha comentado tudo o que estava ocorrendo com ninguém. Porém, em uma tarde no final do período de aula, a mãe da aluna agressora veio até a saída da escola e tentou agredir a outra estudante, que conseguiu fugir correndo para a estação do metrô junto com o adolescente namorado e embarcar, mas mãe e filha foram atrás e embarcaram no mesmo vagão e foram durante todo o percurso da viagem apontando e falando palavras de baixo calão para a vítima que ligou para seus familiares buscarem e a esperarem na estação do metrô na qual iria desembarcar, pois estava com medo de ser agredida pelas duas.

Ao chegar à referida estação do metrô, a família da aluna vítima já a estava esperando, dessa forma não houve a agressão, porém, o adolescente namorado, que estava acompanhando a aluna vítima ficou todo cheio de hematomas.

Nesta mesma tarde, a escola foi informada pela família da aluna vítima sobre o fato ocorrido e convocou as duas alunas, junto com seus respectivos responsáveis, para uma conversa e solução do problema. No dia seguinte, chegaram as famílias constituídas por: aluna agressora, mãe agressora, pai agressor e dois irmãos com menos de 10 anos de idade; aluna vítima, avó e tio. Quando as famílias se encontraram na sala da vice-direção, agrediram-se, destruindo e quebrando a sala e os equipamentos que lá estavam. No mesmo momento foi chamada a ronda escolar que levou as famílias, o vice-diretor e o professor mediador, como representante da escola, para a delegacia de polícia para registrar um boletim de ocorrência (B. O.) contra a depredação do patrimônio público. Nesta conversa, mediante o delegado de polícia, foi resolvido que as duas alunas seriam transferidas da unidade escolar, pois o convívio das mesmas no ambiente não seria saudável.

Para analisar as narrativas docentes começaremos pela categoria denominada “MOTIVO”. Segue os trechos das narrativas:

(P1) Analisando o que ocorreu entre as duas alunas, acredito que foi motivado pelo ciúmes, inveja e competição entre elas pela disputa do mesmo “namoradinho”.

(P2) Violência no ambiente escolar, um fato cada dia mais frequente. Tenho uma opinião muito particular nesse caso especificamente, pois conhecia a aluna agressora desde do 7º ano, era uma aluna com muitos problemas familiares e isso refletia no comportamento da mesma: desacato ao professor, não portava material, mal comportamento.

Conheci a aluna vítima somente no 9º ano, aparentemente parecia uma menina tranquila, que teve a infelicidade de paquerar um menino que a aluna agressora considerava seu namorado.

Como podemos verificar, os motivos marcantes deste conflito foram problemas familiares, comportamento agressivo, perda de espaço e disputa do namorado.

Já na segunda categoria abordaremos o termo “AGRESSÃO”. Os docentes apresentam o seguinte texto relacionado a esta categoria:

(P1) O aumento da tensão entre as duas alunas, transformou-se em brigas com ameaça verbal e física, que infelizmente acabou acontecendo.

(P2) diante dessas dificuldades a aluna agressora sempre se envolvia em brigas com outras meninas e somente nessas situações a mãe aparecia, não para falar com a escola, mas sim para intimidar e agredir verbalmente a menina vítima envolvida.

Nesta categoria podemos visualizar que o medo da perda ou da liderança pela aluna agressora chegou ao seu limite extremo e não pôde ser controlado. Neste caso, seu último recurso seria a agressão física como prova de “poder” diante do restante da escola.

Na terceira categoria “SOLUÇÃO” as narrativas dos docentes apresentam tanto o que foi sugerido e realizado pela escola como também o que as famílias executaram como forma de solucionar o conflito. Segue os trechos das narrativas dos professores:

(P1). Ambas as famílias foram comunicadas do acontecido. O que se esperava era a resolução do conflito, o que não ocorreu.

(P2) A mãe foi chamada várias vezes para tentar resolver os problemas, porém a responsável nunca compareceu.

Não podia ser diferente a atitude inconsequente da mãe, começou a perseguir a aluna vítima e a mesma se sentiu ameaçada e comunicou à escola.

Para a quarta categoria, usamos o termo “FAMILIA”, em que mostraremos a reação que ambas tiveram na solução do conflito das alunas, apresenta as narrativas dos docentes que seguem:

(P1). As famílias reagiram como as alunas, agredindo-se verbal e fisicamente na sala da vice-direção da escola e foram todos parar na delegacia.

(P2). Na tentativa de resolver a escola tentou mediar a situação, mas a atitude irracional dessa mãe agressora chegou ao extremo: agressão física.

Como podemos ler nas narrativas dos docentes, as famílias reagiram exatamente como as adolescentes expressando agressão verbal, moral e física e também danificando a escola (patrimônio público), quebrando os móveis e equipamentos da sala da vice-direção.

Perrenoud (2000, p. 112) nos atenta para o dever da escola em comunicar e envolver os pais/família na educação das suas filhas ao relatar que:

[...] o dever de informar e de envolver os pais agora fazer parte das atribuições dos professores e requerer competências correspondentes não deveria fazer com que se esquecesse que o direito à informação e à consulta não apaga a obrigação escolar, o que, de certo modo, é uma maneira moderna de torna-la tolerável, aceitável para pais igualmente escolarizados que recusam que seu filho seja instruído ou educado sem serem consultados.

Na quinta categoria denominada “LIMITE”, apresentaremos a falta de estrutura familiar e o que isso reflete diretamente no comportamento das alunas envolvidas no conflito estudado, ponto descrito e predominante na escrita das narrativas dos professores que segue:

(P1) Em minha opinião, as famílias envolvidas no caso são desestruturadas e têm dificuldade para lidar com os limites que o meio social determina.

Sendo assim, as alunas que pertencem a essas famílias não conseguem também lidar com limites. Já que o seu núcleo familiar não favorece e nem se importa em dar bons exemplos.

(P2) Discordo do termo “violência escolar” e sim” violência no ambiente escolar”, pois essas atitudes são externas, que culminam na escola. Famílias desestruturadas, agressivas, violência doméstica... afetam nossos alunos, que resultam em um comportamento inapropriado.

Reis (2001, p. 61) aponta a falta de limites das adolescentes e das famílias ao comentar:

Esses traços comportamentais típicos dos adolescentes remetem-nos a campo cheio de conflitos de relacionamento entre adolescentes e adultos. É, muitas vezes, a incapacidade do adulto de perceber o turbilhão de angústias, medos e desafios por que está passando o adolescente, que gera nos adultos uma sensação de desagregação de valores e nos adolescentes a criação de escudo protetor que se traduz em forma de rebeldia.

Para terminar a análise das narrativas, na sexta categoria abordaremos o termo “REAÇÃO” que pontua os seguintes itens: emoção, amor, compreensão, estrutura e valores, como segue nos textos dos professores:

(P1) As alunas reagiram emocionalmente e partiram para a violência, pois acham “normal” esse tipo de atitude, já que vivenciam esse modo de resolver conflitos em sua família.

(P2) As normas educacionais da escola devem ser cumpridas e a família fazer seu papel, dar amor, compreensão, estrutura, valores, só assim teremos uma sociedade efetiva e famílias estruturadas.

Assim a reação predominante foi a emocional, pois a falta de amor e compreensão das famílias formalizou uma reação de forma violenta já que consideram isso certo e normal em qualquer solução de problemas.

A autora Guila Azevedo (1995, p. 57) salienta alguns pontos relevantes da categoria reação discutida no conflito das adolescentes:

Quando as relações não se pautam por nenhuma ética, quando a ética se torna questão de ótica e não um corpo de valores e princípios, passamos a viver a lei do mais forte, do mais prepotente. Se entre os adultos vale a vontade de cada um, independentemente de direitos e deveres, um comportamento infantil e inadequado, nos jovens isso terá seus reflexos e suas manifestações.

Portanto, podemos identificar que a falta de ética, diálogo e respeito com o semelhante fortemente descrito nesta categoria no texto dos docentes entre as alunas e as famílias pode gerar a violência escolar por não compreender meios de solucionar os problemas de relacionamento uns com os outros.

Considerações finais

A análise das narrativas docentes sobre o relato da violência escolar apresentada neste trabalho mostrou nitidamente que a desestruturação familiar, a falta de limites entre adolescentes e família, as reações agressivas e o não cumprimento das regras da escola causou

um processo de reflexão entre os docentes, alunos e comunidade escolar. Refletindo sobre os danos e causas que o cyberbullying e a má utilização dos meios de informação e comunicação digital desencadeiam um movimento na falta de diálogo entre os sujeitos envolvidos no caso descrito de violência escolar, apontando o reforço da estruturação da família e do papel da escola na formação cidadã dos adolescentes/ alunos.

Portanto, a partir dos questionamentos encontrados nas narrativas dos docentes sobre o relato de violência escolar descrito a partir de uma perspectiva do cyberbullying, nota-se que esta temática está efetivamente inserida na vida cotidiana dos adolescentes em que podem exercer o papel de vítima, agressor ou plateia, de forma direta ou indireta, não respeitando os seus limites e a sua intimidade. Assim, a violência escolar virtual proporcionada pelo cyberbullying está presente em nossas escolas, cabendo à unidade escolar conscientizar seus adolescentes/ alunos acerca da contribuição de seu papel como agente transformador de uma sociedade mais consciente, justa e que respeita as diferenças.

Referências

AZEVEDO, Guila. **Adolescência**. São Paulo: Scipione, 1995.

GUARESCHI, Pedrinho. O bullying está dentro da nossa sociedade, na própria família, que usa práticas pedagógicas verticais autoritárias. In: **Criança e Consumo Entrevistas Violência**. Instituto Alana – São Paulo – 2010.

JOSSO, Marie-Christine. Da formação do sujeito... Ao sujeito da formação. In: **O método (auto) biográfico e a formação** / organização António Nóvoa; Matthias Finger, - Natal, RN: EDUFRN; São Paulo: Paulus, 2010. 157 p. – (Pesquisa (auto) biográfica – Educação. Clássicos das histórias de vida).

REIS, Mário A. Adolescência – A difícil busca de uma identidade. In: **Temas de Educação Plural**. v. 4, n. 1 (novembro de 2001). São Paulo: Editora Universidade São Judas Tadeu, 2001.

PERRENOUD, Philippe. **Dez novas competências para ensinar**. Trad. Patrícia Chittoni Ramos. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 2000.